

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christu Jesu

ID. 13. 14.



QUE DIZEM DE NÓS OS MAGANÕES? ..

SUMMARIO: *Congresso Catholico*, por P.—Secção Religiosa: *Gottas de balsamo*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 62.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal*, pelo Padre J. A. R.; *Indifferentismo*, por A.; *Padre Agostinho de Montefeltro*.—Secção Bibliographica. —Secção Illustrada, por R.—Secção Necrológica, por D. P.—Secção Litteraria: *Esperança!*, por A. Moreira Bello; *A' memoria do ex.º e rev.º sr. bispo D. João Maria*, por Osorio Goulart.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Que dizem de nós os magunões?...*; *Pedindo o sancto habito.*

Congresso Catholico

VAI tempo de excitações violentas para a nossa querida patria.

Longos annos decorreram, e ella, indolente, marasmatica, n'uma lethargia percursora de morte, jazia á margem d'um abysmo, em risco de alli se perder para sempre.

Uns acclamavam-na feliz, entoando hymnos a progressos materiaes, que lhe tornavam a vida mole, sem lhe darem energia, sem a aureolarem de dignidade, sem lhe incutirem força, sem a despertarem para a missão augusta que lhe cumpria desempenhar na assembléa das nações. Eram estes os optimistas.

Outros, os *pessimistas*, maguados d'um desleixo ruinoso e indesculpavel, d'um esbanjamento de forças que se prolongava indefinidamente, viam condensar-se no horizonte uma atmosphera de males, e pranteavam sinceramente as procellas que nos daria o futuro.

* * *

O 15 de novembro no Brazil acordou a patria. O 11 de janeiro irritou-a, exasperou-a, incutiu-lhe um tremor febril, denunciador de vida, mas vida impotente, que a não salvava, que a perdia talvez mais.

Consequencia por certo d'essa periclitante situação, surgiu o 31 de janeiro. Os mais cegos abriram então os olhos, os já raros optimistas deixaram escapar do imo d'alma umas palavras solemnes: «Vai isto mal!»

Reconheceu-se ás claras a impericia ou a menos lealdade de quem ha regido o leme do Estado. Os ventos fortes, os mares grossos, a escuridão cerrada—é naufragio certo. Quem ha de valer-nos? Quem se condói de nós? As velas que passam ao lado não vêm, não querem ver a nossa bandeira a implorar socorro.

Tamanho é o perigo, que não ha forças que o debellem. Os optimistas fecham as mãos n'um desalento que faz dó, sem se animarem agora a dar as ordens necessarias para nos salvarmos.

Ila, como disse um orador distincto, o *deficit economico*, o *deficit financeiro*,

o *deficit militar*, o *deficit diplomatico*, e sobre tudo o *deficit moral*.

Humanamente, naturalmente, tudo está perdido. Portugal porém nasceu com a Igreja, cresceu com a Igreja, com ella attingiu a virilidade, com ella rejuvenecerá, ou findará na decrepitude, recebendo suas derradeiras benções.

Portugal christão, morrerá christão. se não pudér continuar a viver christão. Mas ha de viver.

* * *

Transcorreu um anno depois que a cidade da Virgem deu um signal de vida, celebrando o primeiro Congresso Catholico, verdadeiras vespéras, e vespéras imponentes d'aquelle com que hoje se honra a séde augusta do Primaz das Hespanhas. A voz do antistite bracarense foi a voz de Moyses em favor do seu povo. Esta voz hemos de crer não seja a voz de quem clama no deserto, mas a voz de salvação. Escutaram-na d'um ao outro extremo do paiz; os peitos portuguezes bateram offegantes com os alentos da esperança; um *Sursum corda* solemne animou para o cumprimento do dever aquellos que entravam a desesperar; a affirmacão do snr. Bispo-Conde, que na primeira sessão do Congresso mostrou *quanto nos cumpria entrar agora em vida nova*, synthetizou os anhelos do nosso bom povo, e marcou o norte a procurar d'hoje em diante.

Haia vida nova, vida nova no seio da Igreja, vida nova em communhão com os superiores legitimos, com os superiores em Christo e por Christo, com o nosso parochio, com o nosso prelado, com o Pontifice supremo. Pujança vigorosa para ella manifestou se, auspiciosa e consoladoramente, ao abrirem-se de par em par as portas do Congresso, aonde affluiram de todos os angulos do paiz, das varias classes sociaes, corações magnanimos que sentem ateadada em si a chamma sagrada do amor da patria e do amor de Deus. Estes corações, elementos dispersos, congregam se para reivindicar solememente os direitos inalienaveis da Igreja, os direitos dos catholicos, senhores d'este abençoado paiz, que parece fôra facil conquista d'uma meia duzia de descrentes, decididos a preparar á sombra de nossa incuria a ruina da patria.

Sáia a Igreja em nosso favor, os Pastores de Israel velam sollicitos pelo re-

banho confiado á sua defesa, esperemos que todos os perigos se desvanecam, e se acalmem, desfeitas pelo sol da fé, as procellas temidas por tam longo tempo.

* * *

Vida nova! Quanto jubilo agora a refulgir nos rostos de muitos, que aguardavam uma palavra de ordem para sacrificar operosa actividade em prol da causa do bem?

Vida nova! clamam tambem nos arraiaes contrarios, e a esse clamor respondem os catholicos, fazendo, com seus peitos, uma muralha invencivel em derredor de seus bispos, promptos, com inquebrantavel firmeza, a cumprir exactamente a missão que lhes fôr imposta.

Sejamos livres, e para isso limpemos de sobre as vestes honradas a camada polvorosa ahi depositada por uma subserviencia politica que opprime a consciencia; antepoñamos sem cessar a lei do dever a todos os compromissos inhonestos; assentemos d'uma vez para sempre que mais nos cumpre obedecer a Deus que aos homens.

Não foi sem decisào detidamente pensada que o benemerito Primaz das Hespanhas, ladeado dos dignos Prelados de Lamego, Portalegre, Bragança e Coimbra, animado pelos de Lisboa, Vizeu e Faro, auxiliado com o voto dos demais Prelados, se abalançou a presidir a uma empreza de tam subida importancia, cujo desenlace ha de ser a reformação dos costumes, o avivamento da fé, o engrandecimento da patria pela intrepidez na lucta, por um triumpho definitivo.

* * *

Catholicos: No momento actual o nosso dever é estar de ouvido attento. Escutemos o que de nós querem os nossos Prelados. O nosso dever é avigorar nossas resoluções e cumprir quanto se nos ordene. A união enlaçada com a obediencia ha de trazer-nos a salvação.

O Sanctissimo Padre Leão XIII, na expansão de seu coração paternal, abençoou os iniciadores do Congresso e todos os que n'elle tomavam parte. Animados com essa benção, como homens de boa vontade, estejamos promptos para um futuro melhor, conquistado por nossas fadigas, nossas dedicacões, nossos sacrificios.

O nosso affecto, a nossa homenagem,

a nossa obediencia incondicional aos nossos Prelados. Deus conosco, e este povo, tam crente e tam bom, affirmará mais uma vez, que, prostrado por mão traidora lhe vir cercear os nobres alentos, saberá erguer-se ainda valoroso, empunhando o facho scintillante da fé, cuja luz, projectada futuro além, mostrará os abyssos que se hão de evitar. os inimigos que saltarão a estrada, o destino final para onde importa caminhar.

P.

SECÇÃO RELIGIOSA

Gottas de balsamo

Não apeguéis vosso coração ao mundo nem ás cousas do mundo: n'elle tudo é vaidade e allicção de espirito (1). Os prazeres, as riquezas, as honras, a gloria do mundo passam com rapidez vertiginosa. Seus bens enganadores, diz o sabio, desaparecem como a sombra, como um correio que foge apressado, como o navio fende a tona dos mares, não deixando sobre as ondas agitadas o menor vestigio de sua passagem. (2)

Onde estão, dizei-me, o grande poder dos monarchas, de tam notavel fama, que teem vivido até ao dia d'hoje? Quem sabe lá das riquezas de Salomão ou Cresco? da gentileza de Absalão? da sciencia, erudição e eloquencia dos sabios mais illustres?

Tudo passou, desfez-se em ruinas, aniquilou-se.

Oh! quanto pois é certo que o mundo é nada! como é vã e ephemera a sua gloria! Da insensatez pois se deixam dominar aquelles que o amam, o procuram, se lhe affeioam! Ditoso antes mil vezes quem o despreza, quem só a Deus quer, sagrando-lhe todo o seu amor, todo o seu coração!

E' verdade e grande verdade nunca poderdes achar nas creaturas felicidade e repouso. Acumulai ouro sobre ouro, regalai os sentidos com toda a casta de prazeres, satisfazei todos os vossos caprichos, gozai das maiores honras e mais elevadas distincções, sempre, oh! sempre vos ha de faltar alguma coisa. Andará inquieto o vosso coração, não obterá complemento o vosso desejo, e, como Salomão, ver-vos-eis compellidos a declarar: *Vaidade das vaidades e tudo vaidade!* (3)

(1) Vidi cunctae quae fiunt sub sole et ecce universa vanitas et afflictio spiritus. (Eocl., I, 14.)

(2) Transierunt omnia illa tamquam umbra, etc. (Sapient., V, 9, 10, 11.)

(3) Vanitas vanitatum, et omnia vanitas. (Eocl., I, 2.)

Amai porém a Deus, servi-o, para agradar-lhe mortificai vossas paixões, e doce paz sentireis que nasce em vossa alma. Reclinai-vos amorosamente nos braços do Senhor, e virá o tempo de conhecerdes quanto assim podeis ser felizes. Experimentai, e dir-me-eis depois se acaso vos enganai.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

62.

CXLIV

P. Paulo Gabriel Antoine

EUM dos principes do mundo theologico moral, nos primeiros annos do seculo XVIII, de grande auctoridade nas escholas, sendo a cada passo citado pelos auctores que se lhe seguiram. Nasceu este jesuita em Suneville (França), no anno de 1679.

O P. Antoine professou com distincção na sua Ordem philosophia e theologia, falleceu piamente em 1743, pois que era tão recommendavel por sua sciencia como por suas virtudes.

Entre o grande numero de obras que publicou, nota-se a sua *Theologia Moral*, e a sua *Theologia Dogmatica*, escriptas com elegancia, quanto é possivel n'estas materias, e ao mesmo tempo com brevidade e clareza.

A *Theologia Moral* d'este jesuita é mais estimada que a sua *Theologia Dogmatica*, ainda que esta seja de grande merecimento. Basta dizermos que o Papa Bento XIV mandou que ella fosse explicada em Roma no Collegio da Propaganda aos mancebos destinados ás missões. Por muito tempo foi adoptada por compendio nas escholas publicas de theologia.

Philippe de Carboncane e Boaventura Stoidel, franciscanos, addicionaram e annotaram a *Theologia Moral* do P. Antoine, que foi approvada por Thomaz Sergio, consultor do Santo Officio, e por Carlos Domingos de Moya, mestre da Ordem dos Menores Conventuaes.

Alem das obras citadas, escreveu este sabio theologo alguns livros de piedade, onde se manifesta o seu grande espirito religioso.

No emtanto um auctor tão douto e pio não escapou á censura dos inimigos da Companhia de Jesus; lá apparece o seu nome nos libellos diffamatorios escriptos no seculo passado contra os jesuitas, como no *Extracto de asserções*, a quem seguiram os agentes do Marquez de Pombal.

N'esses infames libellos, escriptos sem consciencia e sem ordem, attribuem-se ao jesuita Antoine proposições que elle não sustenta, antes expressamente reprova; algumas não teem o mau sentido que lhes querem dar, e não são condemnadas pela sã theologia.

De resto, vale mais o juizo do grande Bento XIV e dos theologos que por sua ordem approvaram a doutrina moral do P. Antoine, do que as censuras dos jansenistas.

CXLV

P. Domingos Viva

Muito conhecido de todos os que se teem occupado da sciencia moral, o P. Domingos Viva nasceu Otranto (Napoles), em 1648, entrando na Companhia de Jesus em 1663.

Occupou na sua Ordem logares importantissimos. Professou por vinte annos theologia em Napoles; foi prefeito dos estudos, reitor do Collegio d'aquella cidade, e depois provincial.

Escriptor laboriosissimo, passava noites inteiras lendo e escrevendo, a ponto que chegou a adoecer gravemente. Pela sua vida exemplarissima, como pela sua vasta erudição, foi estimado de todos os Prelados da Italia, com especialidade do Cardeal Vicente Maria Orsini, que depois foi Papa com o nome de Bento XIII.

O P. Viva, que todos reconhecem como homem doutissimo e habil theologo, alcançou grande nomeada pela discussão das proposições hereticas e immoraes condemnadas pela Egreja.

Publicou um escripto para justificar a proscriptão das theses do jansenista Quesnel, sendo a isso exhortado pelo mencionado Cardeal Orsini, Arcebispo de Benevento.

Em outra obra demonstrou a infallibilidade doutrinaria do Papa, e que não era permittido appellar das suas decisões para um futuro concilio, rebatendo assim com fortes argumentos a opinião dos gallicanistas.

E finalmente explicou as proposições condemnadas por Alexandre VII, Innocencio XI e Alexandre VIII, e escreveu contra os erros de Jansenio.

Todas estas obras, que possuímos, são cheias de erudição e sabedoria.

Não é menos notavel o seu *Curso Theologico*, em que trata de toda a materia moral.

Morreu o jesuita Viva em 1727.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Liberalismo e Socialismo
ou a questão social em Portugal

(Continuação do n.º antecedente)

IV

A consciencia social.—Como o erro se diffunde.—Naturaleza d'este erro.—Tres especies de negação.—Luthero, Kant e Hegel.—O que fez Luthero.

EXISTE em todas as epochas uma orientação geral dos espiritos, determinada por um sem numero de causas diversas, entre as quaes prepondera o impulso dado à sociedade por certos homens poderosos em palavras e obras, que imprimem no seculo em que vivem o cunho peculiar do seu genio e que com razão podem chamar-se os guias da humanidade. Com os olhos fixos n'um ideal predilecto, caminham, ou antes vão pairando nas alturas, levando após si as multidões iguarras, que os seguem quasi que inconscientemente. E' caracteristico do nosso seculo o predomínio apparente da impiedade; e releva notar que differem sobremaneira os tempos presentes dos já volvidos.

N'outra ora o erro jazia encerrado em livros raros, onde era mister procural-o, porque só alli se encontrava. Hoje porém anda nos livros e fóra d'elles, vingando penetrar em toda a parte: nos salões, nos clubs, no lar domestico, nas praças, nas ruas, etc. etc. Reina como soberano nas instituições; quem inspira as leis é elle, regula já os usos e costumes privados e sociaes; resumbra na moda, na esculptura e na gravura; pompeia nos discursos academicos, parlamentares e forenses, nos laboratorios e nas officinas, bem como nas conversas particulares; revela-se em tudo o que se diz e tambem no que se cala; vulgarisam-no dia a dia em todos os recantos do mundo myriades e myriades de publicações diversas; n'uma palavra, diffundido o erro como o ar que respiramos, vai formando o ambiente dos espiritos que n'elle vivem, se movem e contaminam, por vezes, imperceptivelmente, chegando esta atmospheria a exercer uma influencia nefasta nos mesmos corações puros e bem resguardados.

E esse erro que tudo pretende avasalar não é erro parcial e limitado, é o erro puro e absoluto, é a apostasia universal, é o satanismo mal disfarçado.

Constituem a sua essencia tres negações, como já vimos:

A negação da Igreja e da fé;

A negação dos principios fundamentaes da recta razão;

A negação de Deus ou a identificação da razão humana com a divindade.

Para chegarem ás suas ultimas consequências, estas tres negações promoveram longas contendas e renhidas luctas. Foi mister uma elaboração trabalhosa no espirito das massas, tardias sempre em deduzir das premissas os derradeiros consecutarios.

Motivo este porque as tres negações indicadas formam tres grandes periodos da historia moderna com respeito à evolução da heresia e da maldade: A negação da Igreja e da fé corresponde o *Protestantismo*; a negação dos principios fundamentaes da razão o *Philosophismo*; a negação de Deus, o *Monismo*.

Estes tres periodos personificam-se em tres homens de triste e lamentavel memoria: Luthero, Kant e Hegel.

Eis indicados os campeões da maldade nos tempos modernos, caudilhos que foram dos novos *titans* na sua satanica empreza; eis apontados os tres degrãos da pyramide descommunal, com cujo auxilio o orgulho humano intenta escalar o throno do Excelso; eis emfim designados os formidaveis arsenaes, onde a impiedade tem forjado e está forjando armas de rija tempera para combater o Omnipotente e auxiliar os rebeldes de todo o mundo, no seu damnado empenho de romper, como o Archanjo precioso, os laços salutaes que os unem com Deus, fonte de todos os bens.

Ora pois: para se formar um conceito exacto da graveza, extensão e a enormidade do mal que nos está envolvendo, é de todo ponto vantajoso e mesmo imprescindivel estudarmos de corrida sequer, e muito pela rama, o essencial d'estes tres periodos que constituem a génese e o desenvolvimento progressivo do que actualmente se chama: Liberalismo e Socialismo, assumpto d'estas breves e despretençiosas investigações.

Protestantismo—Uma centelha, pequena que seja, é quanto basta para atear um pavoroso incendio. Sim, observa judiciosamente Balme, com tanto que encontre amontoada grande copia de materias inflammaveis. E' este o caso da Reforma ou antes da Revolta do seculo XVI. Luthero foi a centelha provocadora da tremenda conflagração europeia, que ainda dura e ha de durar, quiçá, até reduzir-se o mundo a um montão de cinzas. Tam descommunal era o acervo de combustiveis, agglomerados pelos mil precusores do protestantismo: renascença pagã, grande scisma occidental, manicheus, albigenes, valdenses, hunitas, legistas,

reis e imperadores renitentes à Igreja e à sã moral, etc. etc... Todavia, força é confessal-o, é sinistramente medonha a sombra que projecta no limiar dos tempos modernos o vulto mephistophélico de Luthero. A' voz d'esse gigante, como ao clangor de sonora tuba, milhões e milhões de libertinos, estremecendo de phrenetico prazer, acodem, e de parceria com o frade apostata e libidinoso atarefam-se na construcção da pyramide maldita para todo o sempre.

Fica de vez assente e solidamente collocada pelas mãos de Luthero a base d'esta obra monstruosa que d'ora avante irá sempre crescendo sem que haja meio de suster-lhe o progresso, porisso que do protestantismo nascerá forçosamente o philosophismo, d'este o monismo pantheista, materialista ou atheu, e em seguida o naturalismo, o liberalismo, o nihilismo, todos ilhos legitimados da idéa satanicamente genial de Luthero, que negando a authoridade da Igreja Catholica attribuiu à razão humana o privilegio da infallibilidade. «O principio da Reforma, escreve Henri Heine, (1) consiste essencialmente na negação de toda a authoridade superior a razão humana. Prévem-me que estou enganado, dizia Luthero na dieta de Worms, e sujeitar-me-hei de boamente». E' o racionalismo puro. N'estas palavras se encerra de facto o germen de todos os erros modernos e d'est'arte ficou sendo mudada a orientação dos espiritos que aceitaram a reforma. D'antes caminham com os olhos fixos na Igreja, cuja direcção seguiam humildemente; agora consultam apenas a sua consciencia, juiz infallivel em tudo e por tudo: na doutrina religiosa, como nas questões philosophicas politicas e sociaes. O eu tornou-se d'este modo o centro de todas as cousas e, pouco e pouco, foi substituindo na opinião dos protestantes a propria divindade. Aconteceu aos discipulos de Luthero o que dizem succede a certos monges solitarios e visionarios do Thibet: tanto se engolfam estes loucos na contemplação do umbigo que, hypnotisando-se a si mesmos, chegam a fruir visões phantasticas, estupendas que se lhes alligaram a expressão da realidade.

A contemplação do eu produziu o mesmo resultado nos protestantes logicos, e fez, conforme assevera Edgar Quinet (2), que confundindo o eu com a divindade, os philosophos allemães se enfatuassem ao ponto de cahirem na loucura mais estolida e extravagante que jamais houve, cujos pastos monstruosos sam agora impingidos aos in-

(1) *L'Allemagne*, por Henri Heine.(2) *Edgard Quinet—Allemagne e Italie* 1128.

genuos com o nome de *Philosophia transcendental*.

Luthero inaugurou pois no mundo o reinado ou antes a adoração do *eu*, ou razão individual, ficando desde então a Europa christã claramente dividida em dous povos ou exercitos rivaes, cada um com a sua orientação diametralmente opposta: os catholicos verdadeiros continuam seguindo o trilho escabroso mas seguro da fé, conchegando-se, cada vez mais, como bons filhos, ao seio da sua mãe a Igreja Romana, Mestra das nações, que expurgada de toda escoria, esbelta e rejuvenescida, graças aos seus doutores incomparaveis, aos seus pontífices eximios, a seus santos, a seus concilios, aos ensinamentos inspirados do seu Hierarcha Supremo, vae-se tornando dia a dia mais unida, e mais luminosa. Ah! Nunca os teus tabernaculos foram mais soberbos e invejaveis, ó cidade dos eleitos! O teu fulgor benéfico e esplendoroso, é, em que peze a teus inimigos, como que o arrebol da ante-manhã, magestoso prenuncio do dia eterno que se origina, e para onde encaminhas com toda a segurança teus filhos mil vezes felizes! sim, mil vezes felizes para todo o sempre! ao passo que os filhos de Luthero, perdido o verdadeiro rumo, vagueiam incertos, á mercê do guia mais caprichoso que jamais houve—as luzes da propria razão—ou antes as trevas da ignorancia, soberba, insanias e paixões brutas e desenfreadas que os vão arrastando para abysmos cada vez mais fundos e tenebrosos. O principio lutherano é como espada mortifera nas mãos de freneticos: eil-os despedaçando para logo os vinculos sagrados que os uniam com a Esposa Immaculada do Cordeiro: dogmas, sacramentos e ritos sagrados, mandamentos e instituições benéficas, tudo, tudo é destruido e aniquilado por esses vandalas enfurecidos. Volvidos apenas alguns lustros, não permanece de pé, no meio dos protestantes, crença alguma sobrenatural; consummou-se o divorcio entre o homem e a Igreja, entre a razão individual e o Deus da revelação, Jesus salvador e redemptor nosso, guia seguro e mestre infallivel dos individuos e das nações.

Conta-se que Luthero moribundo, e mui provavelmente possuido do demônio da desesperação que o levou ao suicidio (1), ao contemplar os resultados e consequencias futuras da sua obra inédita, traçara na parede da taverna onde expirou este verso celebre:

Pestis eram vivus, moriens ero mors tua, Papa.

(1) *Luthers Lebensende* (Morte de Luthero) por Paulo Majurke—em tres vol.

Sim, enquanto vivo, Luthero foi um flagello, uma pestilencia infernal, e depois de morto, se não conseguiu, como desejava, a morte do Papado, causou a ruina de milhões de almas e levou uma boa parte da humanidade a um precipicio insondavel.

(Continua)

P.º J. A. R.



Indifferentismo

LANCEMOS a vista pelo solo da patria. O que ahi vai de ruinas! Pois a causa d'ellas, em grande parte, foi o indifferentismo. No campo da Igreja, o indifferente é um cobarde, um traidor da peor especie, que deixa o inimigo forçar as portas, de braços cruzados, sem erguer mão a repellir a violencia feita aos seus, dirigida a si proprio. «Quando se tracta de indifferentes, diz Féval, é força nunca perder de vista que n'elles domina um elemento muito menos leal que a paixão: uma certa esquivança ardilosa e perfidia voluntaria que cortezmente se denomina prudencia e francamente cobardia.

«Nunca jamais o leitor ha de ouvir um indifferente, da estofa dos taes prudentes, tomar a defeza dos jesuitas, a menos que a isso seja levado por algum facto particular. Deixam-os em paz por pura bondade de coração e «para salvarem a causa religiosa...»

«Sabem a historia d'essa boa mãe de familia, russa de nação, a qual vendo o seu trenó, perseguido através da neve por uma alcatéa de lobos, atira-lhes de vez em quando com um dos filhinhos «para salvar os outros».

«Contaram-nos que esta excellente mãe, lançando a final o ultimo, conseguiu salvar-se.

«Falso. Mentiram-lhe.

«Pois assevero-lhes eu, á fé de cavalheiro, que tambem a tal mãe foi devorada, e foi bem feito.

«A prudencia dos prudentes de que falo, chama-se... interesse. Compõe-se o interesse de um tanto de religião, não muita; da probidade que tem e que supponho perfeita, da posição que occupam, da fortuna de que gozam, e da vida á qual naturalmente estão apegados.

«Andam os lobos á roda d'isso tudo, entre nós como na Russia, e correm á desfilada.

«Se atiram com os jesuitas aos lobos, resta a religião, a probidade, a posição, a fortuna e a vida; e ainda quando houvessem de atirar-lhes com a religião, ficaria a probidade que basta para viver, mais a fortuna e a posição social.

«Se os lobos investissem com a probidade....

«Ainda assim! Isto de probidade é cousa bem vaga. Como definiu-a? Ha tantas especies d'ella! E afinal, lançadas bem as contas, é preciso fazer a bocca doce aos lobos.

«Temos depois a posição. Olá! Isso agora fia mais fino! E' tempo dos prudentes se defenderem, e não haja duvida que defenderão, quanto puderem, a sua posição social.

«Resta a fortuna. D'esta feita desferram todas as velas, e morrerão mais depressa que abram mão á fortuna que lhes querem arrancar.

«MORRERÃO; é a palavra propria, e a sorte que os espera.

«Morrerão da primeira concessão feita, que atçou o appetite dos lobos.»

Eis o abysmo aonde conduz o plano inclinado das concessões, valvula de salvação, tam prezada dos indifferentes.

A theoria e a pratica demonstram a cada instante que ellas, motivadas por uma exigencia menos justa, longe de satisfazerem a ambição desregrada d'aquelles que não as supplicam na esphera sagrada da petição, mas as exigem, com o formidavel desplante de quem pugnasse pela manutenção d'um direito, desinvolvem a insaciabilidade viciosa d'uma cohorte adversa, impossivel de contentar, porque a sua norma é querer, querer hoje, querer amanhã, querer sempre, sem jamais aferir o seu impulso volitivo pela baliza imposta naturalmente pelos dictames d'uma razão esclarecida e recta.

Seja-se lá pois indifferente.

Saiba-se porém, d'uma vez para sempre, que o indifferentismo produz a morte dos que o adoptam, sem aproveitar aos que d'elle se valem: alimentar uma hora uma ruim paixão não é calmar-a, é incital-a.

A.

Padre Agostinho de Montefeltro

(Continuado do n.º 2)

Agostinho não poderá dizer como o principe dos modernos oradores sagrados: «Estudo sobretudo Bossuet; trabalho muito nos meus sermões.» (1) O seu grande modelo é S. Antonio, o qual apprende a sublime eloquencia apostolica, meditando as Sagradas Escripturas em uma caverna do monte de

(1) *Voce della Verità* de 18 de março de 1889.

S. Paulo e no alto de Monte Alverne. «Antonio, diz o mesmo escriptor, compunha apenas o esqueleto dos seus sermões, traçava as linhas geraes; e os ornamentos da eloquencia ajuntava-os sobre o pulpito.» (1) E' este o exemplo seguido pelo P. Agostinho de Montefeltro. Notou um observador competente, acostumado ha longos annos a estudar os oradores: «O P. Agostinho sabe de cor as linhas geraes dos seus sermões, mas não os repete textualmente. Elle diz o que lhe vem á idéa n'aquelle momento, e falla d'improviso. Para convencer-se d'isto, basta ouvir duas vezes um seu sermão sobre o mesmo assumpto.» (2)

A sua eloquencia é despida de pompa d'ornamentos, distingue-se pela simplicidade do prégado apostolico. Um seu biographo dá dos sermões do P. Agostinho esta justa idéa: «Imaginae ler um livro simples e perfeito, um d'aquelles livros que vos fazem dizer: nada ha aqui que eu não saiba, que eu não sinta; e todavia este livro attrahe-me. encanta-me, não posso deixar de o ler avidamente: imaginai ver um conjuncto de linhas simples que vos reproduzem uma architectura perfeita, deante de cuja admiravel harmonia vós perguntaes a vós mesmos como uma cousa tão singella e desadornada possa satisfazer tanto a vista e a intelligencia: imaginai contemplar o vulto d'um anjo de Fr. Angelico, sem que possaes explicar a vós mesmos d'onde sai aquella luz celestial que irradia: idealizai tudo isto, transportai-o a outras formas, e te-reis o modo de prégar de P. Agostinho.» (3)

Quem pode duvidar, diz Fr. Luiz de Granada, que o espirito da caridade, o ardente desejo da gloria de Deus e da salvação das almas, não seja o mais excellente mestre da arte de prégar? Todas as escholas dos rhetoricos, e todos os seus preceitos não valem para os ministros de Deus, quanto o santo zelo e o espirito da sua vocação». Ora o P. Agostinho de Montefeltro é a prova mais esplendida d'esta verdade. Uma revista de Milão escrevia ha poucos dias: «Têm-se querido fazer a critica dos sermões do P. Agostinho, como se faz a critica d'uma disquisição academica, ao passo que no frade de Montefeltro que domina as multidões, que subjuga milhares de corações, não é a arte que triumphava, mas a fé — a fé ardente dos primeiros martyres.» (4)

Não falta certamente no P. Agostinho

o conhecimento da arte e a profundidade e variedade da doutrina. Já rico de erudição quando entrou no claustro, e cheio de experiencia do mundo, elle não cessou de cultivar depois a sciencia no meio da oração e da penitencia; mas outra sciencia elle cultivou sobretudo, a sciencia de Jesus Christo, e d'ella proveem principalmente os successos extraordinarios da sua prégação. «O P. Agostinho, escrevia uma penna auctorizada, durante o tempo em que esteve em Monte Alverne e no *Incontro* e se conservou retirado na solidão, embebeu-se profundamente do estudo da philosophia escholastica. S. Thomaz e S. Boaventura são os astros luminosos que o guiaram no caminho da philosophia e theologia; e entre os Santos Padres elle deu-se especialmente ao estudo de S. Agostinho e de S. João Chrysostomo. A este thesouro de sabedoria une um maravilhoso cabedal de erudição em todos os ramos das sciencias modernas. E tudo isto é acompanhado d'uma profunda piedade e d'um zelo ardentissimo da causa de Deus. A impressão forte e profunda que deixam os seus sermões nasce sobretudo da graça de Deus, porque vê-se perfeitamente que está penetrado da religião, e os seus sermões são todos irrorados d'uma unção particular.» (1)

(Continua).

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Muito importante

São já treze as edições do livro— *Missão abreviada*. A extracção de cento e doze mil exemplares, e em tão pouco tempo é uma prova de sua grande utilidade. Na verdade, a obra corresponde ao fim para que foi composta, que era: Conservar o fructo das missões, aonde ellas são feitas; e supprir a sua falta, aonde não podem darse. . . Tem-se convertido por meio d'este livro muitos e grandes peccadores; até ladrões de estrada, descrentes, Padres; e contra factos permanentes, reaes, e publicos, não ha argumentos. . . Todos encontram n'este livro documentos os mais salutaes, colhidos dos livros sagrados, obras dos Santos Padres, e dos melhores Mestres espirituaes. . . De sorte, que este livro serve para toda a qualidade de pessoas: Para um atheu, incredulo, ou protestante; para justos e peccadores; homens e mulheres; ricos e pobres; Padres e leigos; até para ti-

rar escrupulos, e temor demasiado, a quem o tiver. . . Porisso, com razão se pode aconsellar a todos; mas deve ser lido todo e com reflexão, para se formar d'elle uma ideia exacta. . . Foi composto este livro com a mais recta intenção; com os olhos em Deus, no bem das almas, e da sociedade; sem algum interesse temporal, (como todos sabem:) mas sim por caridade. . . E' evidente, que Deus abençoou esta obra, derramando copiosas graças sobre aquelles, que a tem lido com boa disposição. . . O livro contém mais dois additamentos, que formam mais um segundo tomo; mas para quem tem poucos meios, o primeiro é sufficiente. . . E' impresso este livro na Livraria Popular Portuense, Largo dos Loyos n.º 44 e 45.

P.º M. J. G. Couto.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Que dizem de nós os maganões?...

(Vid. p. 85)

Os tempos mudam. Nem sempre temporal nem sempre calmaria.

Se attentarmos nas paginas da Historia, veremos que por uma branca nos vem uma preta, e vice-versa.

Longa pagina de luto memoram os feitos da humanidade desde ha um seculo. Pela cerração mais densa se ha feito viagem até agora e em tam prolongada treva não salteado o caminho os herões de espirito sanguinario, de punhal á cinta e clavina em punho.

Ai dos que passavam!

Se conheciam a senha, se eram dos da cáfila, proseguiram ávante, ou recebiam mesmo, se careciam, auxilios amplos para viajar mais a salvo. Lobos não devoram lobos.

Os estranhos porém agrediam-os em carga cerrada. Para os taes, matar era brincar. Uza e serás mestre, diz o proverbio. E que mestres? Mais dextros os não houve entre os gladiadores romanos. Mas enfim tudo cançou: cançou-os a onda de sangue, cujo fluxo e refluxo ia desde a tomada da Bastilha até ás Praças da Constituição, até ás revoltas de 48, até ás labaredas da Communa.

N'essa ininterrupta faina de destruição, muita cabeça de frade rolou sob o cutello dos despotas. Tudo isso deu porém muito martyr e o diabo não gostou. Indignou-se com a proeza de ver o corpo baquear no pó, mas a alma remontar ás estancias do céu.

Mudou de tática pois.

Tomou por objectivo as almas. Des-

(1) DE MORTER, l. c.

(2) *Fanfilla* de 26 de março de 1889.

(3) F. BOCCARDO: *Le prediche di P. Agostinho di Montefeltro*, p. 10.

(4) *Illustrazione Popolare*, 11 de março de 1890, n. 11.

(1) *Osservatore Romano*, 23 d'abril de 1889.



PEDINDO O SANCTO HABITO

alental-as, enfraquecel-as, expol-as ao peccado, despenhal-as n'elle, eis o plano. As riquezas, as ambições, as honras, foram notavel engodo, em que muitos caíram, mas o frade, que já era raro, conseguiu resistir. Do mais fundo de seus arsenaes foi então o inimigo, n'umas iras tremendas, extrahir umas munições, que reservara para os ultimos combates. Veiu à batalha o RIDICULO.

A arma era leve.

Não maravilha pois que aos milhares, aos milhões, aos miryades de milhões, surgissem de cada esquina os campeões infernaes. Occuparam as praças, encheram os botequins, fizeram reducto dos alcaçares da imprensa.

Era o drama, era o romance, era o pamphletto, era a revista, era o jornal, era a caricatura. O buril e a penna converteram-se em dois potentes chifres com que os briosos atheletas investiam,

... com ferocidade e furor tanto,
Que era a vivos medo, e a mortos era espanto!

O frade, o benemerito frade, resistiu porém, embotando a agudeza do ridiculo na couraça impenetravel d'uma sancta e nunca desmentida serenidade.

Vêde a gravura. O Irmão porteiro leva ao Superior um dos numeros do *Pae Paulino*, do morto *Pae Paulino*. O Superior ri-se, e examina o producto d'um talento, que pudera applicar-se, no cumprimento do dever, em proveito proprio e gloria de Deus.

N'aquelle tempo, ha bons dez annos, era de rigor o ridiculo. Hoje, conscio de sua inutilidade e contraproducencia, vai desapparecendo envergonhado, para dar lugar, por certo, a outra arma do diabo, cuja forma ainda nos não é dado indicar. Volvida a pagina preta, ha porém razão para esperarmos uma que seja limpa de sombras. Venha ella pois.

Pelindo o santo habito

(Vid. p. 91)

O quadro que hoje apresentamos aos leitores é animação e consólo para muitos.

Entre as sanctas vocações que Deus deposita nos corações humanos como elemento predominante de sua perfectibilidade, avulta, como um sol em meio das estrellas, a sublime, a angelical vocação aos liames purissimos e suaves da vida religiosa. Quem é corrupto não pôde jamais comprehender que o espirito assopra onde quer, e por varios caminhos leva as almas ao amor da sanctidade. Afeito ao pábulo grosseiro que delicia os sen-

tidos, ha de regular os demais pelo seu gosto, levando a mal que tomem o caminho do silencio e da solidão aquelles que, se ficassem no mundo, teriam a perdição como remate de sua vida terrena.

A generosa donzella, que representa a gravura, por Deus fadada aos mais assombrosos triumphos da fé, da esperanza e do amor, prosegue animada em procura do que é mais perfeito. Não a detem um momento a contemplação dos valles d'este mundo, coalhados sempre de espinhos e contaminados de lodo. «Senhor, que quereis que eu faça?» assim é a sua oração constante, sem fazer injuria a Deus com marcar-lhe balisa á sanctidade que lhe tinha reservado. Receosa das tentações do futuro e mal segura de lograr vencel-as, aneia premunir-se contra ellas com a impenetravel armadura do sancto hábito. Ah! feliz quem de todo se offerece a Deus, depondo em suas mãos com humilde confiança um coração cheio de magnanimidade e de pureza! Um copo d'agua terá grande recompensa, qual será a recompensa de quem se dá sem reserva? Que enorme thesouro acumulará para a eternidade quem zelosamente transforma em margarita preciosa o seu haver, o seu pensar, o seu querer, as suas acções todas, desde o repouso nas horas de somno até á crucifixão de suas enfermidades e sua morte?

D'estas virgens sábias do Evangelho se riem com uma sagacidade pedante os prudentes do mundo. Coitados! No dia fatal em que a seus ouvidos resoar aquelle duro *Nescio vos*, terão que prantear seu desvario e admirar essas donzellas animosas, esses mancebos repletos de coragem, que postergando desdenhosamente as riquezas, as commodidades, os regalos, os prazeres, as honras do mundo, acolheram-se ao abrigo seguro das Ordens religiosas, vingando escapar do inferno e conquistar um logar distincto no céu.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



IMPLORAMOS as orações dos leitores em favor do veneravel sacerdote, Antonio Dias Pereira Ribeiro, de Felgueiras, fallecido em 20 do passado, com 83 annos de idade, victima d'um insulto apoquetico. Instruido e exem-

plarissimo, de tracto delicado e affavel, deixa saudade extrema a quantos lhe eram affeioados.

Em Macau falleceu o nosso bondoso assignante e dedicado correspondente snr. Francisco Wolney Sanches, cidadão prestantissimo, catholico fervoroso, cujo exemplo era licção viva em que todos achavam que aprender. A sua Ex.^{ma} filha, que na orphanada lhe deplora hoje a perda irreparavel, enviamos nosso pesame, animando-a a confiar que quem na terra soube praticar o bem, ha de por certo colher-lhe a recompensa no céu.

Aos leitores imploramos uma prece.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

Esperança!

(Na occasião da partida d'um de meus filhos para a estação naval da Africa Oriental)

Que tens, mancebo, que te cobre a frente
De funda magia descorado véo,
Te sulca as faces vivo pranto ardente,
Suspiros crebros solta o seio teu?

No chão tens fitos os languentes olhos,
Que, a espaços, ergues para o ceo com dor;
E o rosto inolinás, —tenra flor que abrolhos
Agudos cercam, murcha o sol c'o ardor!

Que tens tu, joven que em gentil sorriso
Traçavas da alma natural prazer?
Que angustia é essa que hoje em ti diviso,
Que acerbo golpe que te faz morrer?

Ai! creio, creio que de amor na taça
Fel já libaste de cruel travor!
Ornada a viste com primor, com graça,
Provar quizeste-a, e que enocontraste? dor!...

Mas não: essa ancia que te vexa o seio,
Mais nobre causa, mais sublime tom:
A patria deixas, n'um cruel aneio,
E quanto doce dentro em si contem!

A patria, o solo que por Deus fadado
Foi de bellezas como poucas ha!
De heroes a terra, Portugal, que um brado,
Inda hoje debil, pelo mundo dá!

Os paes queridos, a quem vivo affecto
Te prende, e ardente volvu a ti tambem!
O irmão, —amigo cordeal, selecto, —
E os entes todos que te querem bem!

E medes, pávido, esse espaço immenso
Que vae de tudo separar-te então;
E sentes na alma desalento intenso,
Contando os dias que excruciar-te vão.

Mas lança, estende mais avante os olhos,
Fulgir paisagem mais gentil verás:
Não brutam só no agro da vida abrolhos,
Tambem ha flores de alegria e paz.

Pois quando, apoz ver novos ceos e mares,
Alfim regressas ao natal paiz,
E as luzas praias no horizonte olhares,
Oh! duplamente então serás feliz.

Ao ver a terra que to fôra berço,
Que á infancia tua doce albergue deu,
Jardins, vergeis sous de matiz diverso,
Seu bello rio, seu formoso oce;

Modesta casa em que cercado vieste
De amor infindo da existencia á luz;
Sagrado templo, ondo a excellencia houveste
De filho ser do Salvador Jesus;

Saudosa eschola, onde proficua á mente
Rasgaste a estrada do genial saber,
Que foi theatro enantador, ridentes,
De gloria, jogos e infantil prazer:

As fibras da alma sentirás vibrar-te
Suave, pura commoção sem-par;
Lembranças gratas d'uma e d'outra parte
Vir-te-ão em ehusma o coração povoar.

E que ha que valha, empoz de ausencia amara,
O estreito amplexo dos amados teus,
Carinhos meigos da familia cara,
O lar sereno e os mil confortos seus?

Só fenecer sob o feral cypreste
A esperança deve para nós mortaes.
Esp'rança, filho! que esse dom celeste
Tambem é balsamo a teus tristes paes.

Porto—Novembro de 1889.

A. Moreira Bello.



A' memoria do ex.^{mo} e rv.^{mo} sr. bispo D. João Maria

Elle era a forte luz resplandecente
Afugutando a sombra deletéria;
Elle era o doce abrigo do indigente
Nos dolorosos transees da miseria...

Um dia a morto—essa algidez funerea,
Poz-lhe na fronte a mão sinistraente,
(Cahia a noite n'amplicidão etherea,)
E elle expirou na paz do Deus clemente...

Mas o seu nome puro e immaculado
Em fundos caracteres foi gravado
Nas reluzentes paginas da Historia.

E a sua alma,—essa flamma eterna, immensa,
Foi gosar a celeste recompensa
Nos páramos da luz, do bem, da Gloria!

Osorio Goulart.

RETROSPECTO

Chronica

E' o Congresso Catholico que prende geralmente as atenções. Muitos vaticinavam, que quanto d'elle se annunciava, seria menos que a realidade; mas enganaram-se, felizmente. A realidade foi além, muito além das mesmas hyperboles que acompanhavam os annunciados. Houve de confessar-se que a obra, não era puramente obra humana, mas obra de Deus. Em presença de tam viva animação, de tam insolito entusiasmo, unanimemente se dizia: *Dignitas Dei hic est.*

Massa compacta de povo enchia a vasta igreja do seminario, que não tinha capacidade para quantos anceavam tomar parte n'aquella notavel festa, e desde a primeira sessão, na segunda-

feira, 6, se via augmentar mais e mais a alluencia dos concorrentes, entre os quaes haveria 800 a 1000 sacerdotes. Maravilhava o silencio profundo em que eram escutados todos os oradores: presentia-se que se discutiam alli assumptos da maxima vitalidade para os interesses da patria. E assim era.

A igreja tinha sido adrede adornada. Ao centro, do lado do Evangelho, estavam as cadeiras dos dignos Prelados, cuja presidencia tocava ao nobre Primaz das Hespanhas. Sob um docel via-se o retrato de Sua Sanctidade de Leão XIII. A' direita e esquerda dos Prelados (que eram o digno Primaz, e os de Lamego, Coimbra, Portalegre e Bragança) tomaram assento os representantes dos Prelados de Lisboa, Porto, Vizeu e Algarve, varios lentes da Universidade (cinco de Theologia), os congressistas e as commissões gerentes d'esta grande manifestação de fé. Em frente dos Prelados foi reservado logar para as damas e uma tribuna para imprensa, que alli tinha grande numero de representantes. Ao arco da capella-mór, coroado pelas armas do Pontífice, destacava em ponto grande a imagem do Crucificado.

Na primeira sessão orou o venerando Prelado bracarense, mostrando a necessidade do Congresso, para affirmar a adhesão á cadeira de Pedro, combater a impiedade que passeia infrene e de collo erguido, aniquilar as doutrinas subversivas tendentes a cancelar as sociedades e as familias, e proceder, enfim, de harmonia com os planos de S. Sanctidade, que tanto impulsiona e abençoá a obra dos Congressos Catholicos.

O amantissimo Prelado, cuja alma rejubilava n'um insolito contentamento, viu serem suas palavras acolhidas com vehementes manifestações de applauso e de affecto, que toda aquella assembléa se alegrava intimamente n'esta festa nacional, presidida por tam digno Pastor.

Discursou em seguida o sr. Bispo-Conde sobre o quanto somos grandes pela Cruz e o muito que n'ella ainda nos cumpre esperar. A união, a obediencia aos parochos, aos bispos, ao Pontífice, cujas encyclicas devem constituir nossa regra de proceder, dar-nos-ão vida nova, que nos salve ainda.

N'esta sessão falaram mais:

O illustre decano da faculdade de Theologia, Dr. Luiz Maria da Silva Ramos. Memorando quanto Braga, desde os tempos mais remotos, tem feito em favor da Igreja, combateu, com os recursos de sua vastissima erudição, o pretendido antagonismo entre as verdades catholicas e as mais recentes affirmações e descobertas no campo das sciencias naturaes.

O nobre fidalgo D. Antonio d'Almeida advogou calorosamente a necessidade da independencia espiritual e temporal do Papa.

O dr. Carlos Braga combateu o modo porque se está fazendo a emigração e o sr. D. José de Saldanha discursou sobre a caridade.

Todos os oradores foram entusiasmamente applaudidos.

A sessão do dia 7 foi preenchida pelos discursos do Rev. dr. Luiz José Dias, representante do sr. Cardeal Patriarcha, Dr. Francisco Martins, lente da faculdade de Theologia, e o distincto advogado Carlos Zeferino Pinto Coelho. Foi uma sessão de inexcedivel entusiasmo, d'uma efficacia altamente preponderante. O primeiro orador, soltando uma catadupa de verdades palpitantes sobre a assembléa, censurou o indifferentismo dos catholicos, do qual ha derivado o desequilibrio moral em que de presente nos achamos. Foi um discurso esplendido, onde não havia uma phrase, que não desse muito que pensar, muito que meditar, muito que emendar. O dr. Pinto Coelho falou, por larga hora e meia, sem cançar o auditorio. O assumpto de que magistralmente se occupou, foi a vauagem das Ordens religiosas e a necessidade que havia de lhe obter ampla liberdade em Portugal, cujas colonias, pela falta d'ellas, estavam no deploravel abandono em que as viamos. Concluiu, implorando aos prelados se pozessem á frente do movimento catholico, no que, para Portugal, estaria a salvação, a salvação da causa da Igreja.

No dia 8, 9 e 10, tiveram a palavra os oradores seguintes: Dr. Fernandes Vaz, Conde de Samodães, dr. Pedro Gonçalves Sanches, dr. Adolpho de Macedo, dr. Moreira Freire, Padre Nestor Gomes, Conego Boavida, dr. Pinheiro Torres, o lente da Universidade dr. Porphyrio, Padre Affonso Guimarães, Fernando Pedroso e ainda outra vez o dr. Pinto Coelho.

O curto espaço de que dispomos, impede-nos de dar aos leitores um esboço dos assumptos expostos, e da alta competencia dos conferentes. Diremos no emtanto, que o discurso do illustrado professor do seminario, dr. Pedro Sanches, sobre a origem do mundo e origem da vida em face da narração de Moyses e da sciencia moderna, foi um trabalho tam completo, um ouro de tam subido quilate, que era assás para a immortalidade de um sabio. Tal profundeza de conhecimentos, tamanha firmeza de argumentação, tal correcção e fluencia de phrase, não é facil encontrarem-se ainda nas mais conceituadas academias. O notavel orador foi muitas vezes interrompido pelas saudações dos assistentes, e no remate de

sua formosissima oração, obteria um *brinqueto* estrondoso de palmas sinceras. se por uma modestia delicadissima, não desviasse de si a attenção, chamando-a, por uma indicação habil, para o seu benemerito Prelado, a quem então foi dirigida uma salva real dos mais cor-deas e entusiasticos applausos.

O dr. Moreira Freire falou brilhantemente sobre a influencia dos parochos na catechese ás creanças, e o dr. Porphyrio deu prova de prodigiosos recursos, mostrando quanto a religião, pela influencia do padre, tem feito a Portugal, quanto pôde e ha de fazer nos tempos difficeis, que hoje atravessamos. Estes dous oradores, por vezes, chegaram a causar delirio com os ar-rojos da sua notavel eloquencia.

Foi telegraphada ao Sancto Padre a celebração do Congresso e recebida a benção de Sua Sanctidade.

Na ultima sessão foi lido o seguinte telegramma de Monsenhor Cardeal Van-nutelli, Pro-Nuncio Apostolico:

«Arcebispo primaz, Braga.—Felicito v. exc.^a rev.^{ma}, prelados, commissão organisadora, oradores, todos que tiveram parte nos trabalhos do congresso, pelo brilhante resultado d'essa assembleia. A benção apostolica que o Santo Padre já enviou e que eu sou encarregado de confirmar no seu augusto nome, prova a alta satisfação tida por Sua Santidade por esta imponente manifestação catholica em Portugal. Seja tambem penhor que torne efficazes as aspirações do congresso para a prosperidade religiosa e social d'este nobre e catholico paiz.—Vincenzo, cardeal Van-nutelli.»

Pelos Prelados do Congresso foi enviada a Sua Magestade a mensagem seguinte:

«Senhor.—O congresso catholico da provincia ecclesiastica de Braga, reunido na séde primacial, em segunda sessão n'este anno de 1891, deliberou enviar a V. M. esta respeitosa mensagem. Catholicos e portuguezes todos os seus membros, e presidindo ás suas sessões o arcebispo primaz e os bispos abaixo assignados, não podia o congresso deixar de exprimir votos ardentes e sinceros pelo chefe supremo da nação, e assim pede a Deus Todo Poderoso que prolongue a preciosa vida de V. M., derramando as suas benções sobre V. M., toda a real familia e sobre a nossa patria extremecida.

Mas, senhor, o congresso, pesou maduramente as circumstancias gravissimas em que se encontra o paiz, que ninguem melhor do que V. M. aprecia, porque de sobra as tem já avaliado no seu curto reinado.

O congresso reconhece que é urgente provêr de remedios promptos e energicos aos males que todos sentem, e já

não podem ser desfigurados por uma linguagem menos sincera.

Está o congresso profundamente convencido de que o inicio d'esses remedios efficazes está nas resoluções e principios que, depois de madura discussão, se adoptaram. Está igualmente persuadido que fóra da esphera d'essas deliberações, todos e quaesquer outros recursos serão meros expedientes que conseguirão apenas adiar o advento ainda de maiores catastrophes, do que essas que já nos opprimem.

N'essa profunda convicção e como leaes portuguezes que ao rei e ao povo devem verdade inteira, pedem licença a V. M. para depôr nas suas régias mãos o transumpto das resoluções tomadas, a fim de que o governo as tome, apresentadas por V. M., na consideração que o congresso julga que ellas merecem.—Deus guarde a V. M. por dilatados annos.» (Seguem-se as assignaturas de todos os bispos assistentes.)

Os congressistas tomaram as resoluções que vamos expôr, as quaes revelam plenamente os males de que soffre a nossa infeliz patria e os remedios que podem salvar-a:

Conclusões do Congresso

1.^a—O congresso reconhece e afirma que a soberania temporal da Santa Sé é uma necessidade, e foi estabelecida por designio manifesto da Providencia Divina.

2.^a—O congresso vota a necessidade impreterivel da ampla liberdade de associação para a Igreja em Portugal. Julga especialmente necessaria a admissão das Ordens e congregações religiosas, e d'entre estas considera de urgencia impreterivel as congregações e Ordens de um e outro sexo para as missões ultramarinas.

3.^a—O congresso reconhece a necessidade da concentração das forças vivas da Igreja lusitana para acudir ao restabelecimento da ordem social e moral do paiz, e por isso deseja ardentemente que os dignos prelados do reino se entendam com toda a urgencia e combinem o melhor meio de levar a effeito a celebração de um concilio nacional.

4.^a—O congresso vota a necessidade de fomentar a criação e desenvolvimento dos pequenos seminarios, verdadeiros institutos de aprendizagem e preparação de vocações para o estado ecclesiastico.

5.^a—O congresso reconhece e afirma que ha perfeita harmonia entre os dogmas catholicos e as verdades demonstradas pelas sciencias naturaes.

6.^a—O congresso reconhece e afirma a necessidade dos monte-pios do clero nacional.

7.^a—O congresso, ponderando em face do magestoso e irrecusavel testemunho da historia quão benefica tem

sido através de todos os seculos a influencia do Pontificado Romano sobre os povos, e convencido que pôde e deve continual-a proficuamente, deseja que se reclame a arbitragem do Summo Pontifice nas pendencias que surjam entre as nações, como o meio mais proprio para evitar as guerras com todas as suas funestas consequencias.

8.^a—O congresso reconhece e vota a necessidade, para o desenvolvimento social, de basear os direitos e deveres dos operarios e patrões nos ensinamentos da Igreja Catholica.

9.^a—O congresso afirma a immediata necessidade de se organizar uma sociedade, com séde em Braga e filiaes nas colonias e Brazil, tendo por fim não só elucidar as populações ruraes sobre os inconvenientes da emigração, mas tambem proteger os emigrados, já nas suas necessidades moraes, já nas suas enfermidades e privações. Afirma igualmente a necessidade de se organisarem institutos que promovam a educação e ensino não só dos filhos dos emigrados residentes nas mesmas colonias, senão tambem dos povos indigenas.

10.^a—O congresso reconhece que a intervenção dos parochos no ensino religioso e moral das escholas primarias da respectiva freguezia, está dentro das attribuições do seu ministerio e é um dos meios mais efficazes, e actualmente mais urgentes, da reabilitação moral da sociedade; e por isso deseja que ella seja prática e zelosamente exercida.

11.^a—O congresso afirma a inefficacia dos meios, que se não inspiram dos principios da religião catholica para a regeneração material e moral dos desvalidos, e entende que um dos melhores meios para o conseguir seria a diffusão e multiplicação no nosso paiz das Conferencias de S. Vicente de Paulo e analogas associações.

12.^a—O congresso vota a necessidade de sustentar e melhorar os jornaes catholicos, de modo que sejam procurados e lidos por todas as classes sociaes, e levem ao seio d'ellas os bons principios e combatam os erros tão diffundidos e tão perniciosos á ordem social.

13.^a—O congresso vota a conveniencia de, em todas as dioceses, se formarem sociedades ou ligas catholicas presididas pelos respectivos prelados.

14.^a—O congresso reconhece e afirma que o meio mais apto para evitar as más leituras e propagar as boas é inquestionavelmente a formação de associações, sujeitas á direcção dos exc.^{mas} prelados, que tenham por fim subvencionar a imprensa catholica por fórma que possam ser distribuidos gratuitamente periodicos catholicos por botequins, hotéis, clubs, prisões, casas de correção, etc.

15.^a—O congresso afirma que os

meios que não se inspiram dos princípios da religião catholica, são inefficazes para melhorar a sorte dos desvalidos.

16.^a—O congresso vota que o tratamento dos doentes nos hospitaes, e educação nos asylos, orphanatos, casas de regeneração de vadios, e penitenciaria, devem de preferencia ser entregues ás congregações religiosas, que se dedicam especialmente a estas missões.

17.^a—O congresso delibera que se represente a S. M. que a religião do Estado e o bem da sociedade exigem que sejam banidos das escholas primarias, secundarias, especiaes ou superiores, todos os compendios que offenderem a religião, a moral christã ou as instituições ecclesiasticas.

18.^a—O congresso vota a necessidade das congregações e Ordens religiosas para o desenvolvimento das missões ultramarinas, e comprehendendo as avultadas despezas que estas reclamam, vota tambem ser altamente desejavel o estabelecimento de uma associação da «Esmola Missionaria» em favor das missões dos nossos dominios ultramarinos.

19.^a—O congresso entende de justiça e de gratidão louvar os esforços apostolicos do em.^{mo} snr. cardeal Lavignerie, arcebispo de Carthago e de Argel, sob a primaria iniciativa e apostolica benção de Sua Santidade, para o acabamento da escravatura na Africa.

20.^a—O congresso expressa o seu profundo sentimento pela morte do campeão catholico na Allemanha o snr. Luiz Windthorst, e á sua familia e ao centro catholico allemão envia sentidos pezames.

Como receavam os timidos, não fica só em palavras o resultado do Congresso. O passo que se deu, foi um passo de gigante. Quando os dignos Prelados resolveram pôr a sua influencia, que é muita, ao serviço da religião e da patria, foi cedendo á voz do dever, e essa voz será a sua guia e a sua fortaleza. Os Prelados, n'este proceder, conquistaram o affecto, a dedicação, a lealdade até ao sacrificio, de todos os catholicos, de todos os portuguezes dignos de tam honroso nome.

Qual é pois agora o dever dos catholicos, o dever dos portuguezes?

Obedecer aos Prelados; obedecer-lhes promptamente, submissamente.

Até aqui, as forças dispersas que no reino anceavam operar em favor do bem, sentiam-se inefficazes por desprovidas de direcção. Não assim agora. Unir, unir, unir, inundar de consolação a alma generosa de nossos Prelados, affirmando-lhes com factos, sobretudo com factos, quanto, como nos tempos idos, ha ainda gente para quem a dignidade e a probidade não são vãs palavras.

O Congresso Catholico, fiando mais de Deus que dos homens, inaugurou os trabalhos por imponente Pontifical, na segunda feira 7 de abril, determinou houvesse Lausperenne na Cathedral durante o periodo das sessões, e concluiu por um *Te Deum* solemne em acção de graças e uma numerosa e animada peregrinação, realisada no domingo 12. á Virgem Immaculada, protectora dos portuguezes, cujo santuario se eleva no cume do Sameiro. Esta peregrinação foi presidida por tres benemeritos Prelados, que a pé fizeram o percurso desde o seminario.

Como approvação do céu aos trabalhos do Congresso, as nuvens, que na vespera incutiam receio, desapareceram n'aquella manhã, dando lugar a um sol esplendido, que veio animar a todos, consolar a todos.

A peregrinação foi magestosa, imponentissima.

Os catholicos, angustiados tantos annos por esse vento destruidor que, na phrase expressiva do dr. Luiz José Dias, ha um seculo nos vem d'além dos Pyrenéos, começam a erguer a fronte aureolada do albor da esperanza, anhelando ver extincto este longo captiveiro de Babylonia, onde gemem alquebrados pelo desalento em que os pozeram, não tanto os inimigos de fóra, como os amigos inconsiderados que até hoje d'elles tem abusado.

Haja pois vida nova, vida pela Egreja, vida pela Fé! Essa vida será a redempção de Portugal.

Noticias

Hospicio de Sancta Martha.—O senhor D. Gaudencio, Arcebispo-Bispo de Portalegre, interessando-se muito pelas obras do Hospicio de Sancta Martha, enviou á *Irmandade dos Clerigos Pobres* o donativo de 305000 reis.

O senhor Arcebispo-Bispo do Algarve acaba de recomendar ao clero da sua diocese a mesma *Irmandade* e de aconselhar a sua admissão n'este *Monte-Pio do Clero*.

Bem haja s. ex.^a.

E' o primeiro prelado a fazer tal recommendação.

Consta-nos que outros prelados vão aconselhar o mesmo, nas suas respectivas dioceses.

Mais uma consequencia d'um crime liberal.—Falleceu em Vianna do Castello a Madre Abbadessa de S. Bento, D. Rosa Candida da Conceição.

Era a ultima freira. Vai pois ser fechado o convento. Aquellas paredes cairão em ruinas, aquelle templo será victima do abandono, aquellas alfaias, aquellas imagens, aquelles calices, onde tanta vez se immolou o Deus Omnipotente, vão entrar em almoceda em

beneficio do Estado, que, não sabemos por que logica, estatuiu no codigo penal o art. 432.

Alguem tem havido corajoso bastante para affirmar que os partidos militantes são respeitadores da Egreja, acatam a religião catholica como religião do Estado. Ora nós dizemos que, á uma, todos os moralistas, cujas obras tem obtido a approvação da Egreja, consideram impenitente quem rouba e não restitue. Logo...

Apostolo da Penitenciaria.—Nos perdões da semana sancta, diz um collega, tiveram completa expiação da pena os dois presos da Penitenciaria de quem o fallecido Agapito revelara a innocencia, Antonio Salvado Junior e Manoel Martins Ramos.

Estes presos deveram á solicitude do nosso bom amigo o snr. Padre Mattos a sua libertação, porquanto não poupou cuidados e diligencia para este acto de justiça da clemencia regia desde que se convenceu da innocencia d'aquelles condemnados pelas revelações que lhe fez o Agapito.

Se outros factos não houvesse da dedicação moral e religiosa com que o snr. Padre Mattos vota os seus cuidados e melhor tempo a moralisar e suavizar os infortunios da Penitenciaria, este seria bastante para affirmar o valor d'essa rara e extraordinaria dedicação do digno sacerdote.

E a proposito, perdê-nos a modestia do nosso amigo o fazer publico quanto a nossa veneração e estima por si se depurou no seguinte facto:

Foi no domingo gordo que tivemos necessidade de lhe fallar... Indicar-nos que só na Penitenciaria o encontrariamos e de facto alli estava, com quanto nos fôsse impossivel avistalo.

Um dos carcereiros nos disse: «O snr. Padre Mattos dedica-se tanto a estes presos que não ha meio de encontrar o uma vez internado nas prisões... Ao regressar passavamos pela Avenida: toda a vida de Lisboa alli se concentrava alegre e folgazã, assistindo ás festas do carnaval como no Rocio e outras ruas!... Que contraste! quantos dos que alli andavam tão despreocupados e contentes se lembrariam dos presos da Penitenciaria?... ninguem talvez... e comtudo áquelles infelizes não faltava n'aquella hora uma palavra amiga, consoladora e suave... para elles, sequestrados por absoluto das alegrias da sociedade. E a figura do nosso bom amigo desenhava-se austeramente respeitavel no nosso espirito, como de admiração se nos enchera a alma ao revelar-se-nos a sua passagem evangelica pelos sombrios carcereiros.

Não se extinguiram ainda os bons diziamos nós... estão rareados, mas ainda os ha.»

Exercícios do clero em Braga.—Diz-nos a *Revista Catholica*:

«Entre os multiplices e grandiosos emprehimentos da benemerita Companhia de Jesus (sob cuja direcção se acham os mais acreditados Collegios de Portugal) parece-nos que se deve considerar em primeira classe os santos exercicios do clero, que são incontestavelmente o meio mais certo de perseverança na nossa missão augusta e sublime.

«Os exercicios do clero, dizia o Rev.^o Pereira (illustradissimo membro da Companhia de Jesus) «endireitam a cabeça, reformam o coração e indicam o caminho seguro que se deve rigorosamente seguir no futuro».

«É o Rev.^o Borges, parochó do Athey, eximio orador sagrado, diz: «Nunca os exercicios espirituaes foram d'uma precisão mais apertada, d'uma necessidade mais urgente. O retiro espirital é o arsenal, onde se temperam as armas, o fogo onde se acrisolam as dedicações, o lume onde se consomem as impurezas, o lazareto onde se previnem e curam epidemias, o sol que vivifica propositos, o pão que mata fome, agua que sacia a sede, campanha que decide combates, batalha que produz heroes, força que alenta pusillanimes, esforço que vence obstaculos, inspiração que alina a lyra da alma, e vida que fortalece os nervos da moral. «Qui me invenit, inveniet vitam. Opus grande ego facio: non possum descendere.»

«Segundo um aviso do Rev.^o Director Central, Padre Bento José Rodrigues, morador na rua de S. Barnabé, 16 Braga, ha no presente anno exercicios espirituaes ao clero na capella do SS. Coração de Jesus, em Braga, nos mezes de janeiro, maio, setembro, outubro e novembro. Por isso quem desejar tomar parte n'elles pode dirigir-se ao Rev.^o Director Central.

«No retiro espirital da ultima semana de janeiro, d'este anno, estiveram lá, entre outros, os seguintes respeitaveis ecclesiasticos, que todos sahiram satisfeitos: Abbade e Arcypreste de Foscoá e hoje capellão dos Extinctos Carmelitas do Porto, Padre José do Egypto Vieira, (parochó de S. João do Souto e Director da officina de S. José, de Braga), Padre João Alvares Fernan-

des de Moura (secretario do Seminario de Braga), Padre José Candido da Costa, (director do Collegio dos Orphãos de S. Caetano, de Braga), Padre Alberto Alvares de Moura, (professor do Collegio da Formiga), Padre Manoel da Fonseca Moreira, de Felgueiras, Padre Guilherme A. Villas Boas, de Louro, Famalicão, Padre Antonio Martins Ledo, de Belinho, Vianna, Padre J. F. Martins Lima, parochó de Covar, de Cerveira, Padre Manoel José Rodrigues Ferraz do Bouro, Carvalheira, José Antonio Mendes, Abade e Vigario de Santo Estevão de Carrocas, de Louzada, Padre Antonio Filippe Dantas Carneiro, de Caminha, Padre Antonio José Rodrigues, parochó de Barcellos, Padre Antonio Joaquim Alexandre, de Mondim do Basto, Padre Antonio J. Marques, parochó de Martim, de Barcellos, Padre João Manoel Pires, parochó de S. Bartholomeu do Orego, de Fafe, Padre Manoel Luiz Pires da Costa, de Perre, de Vianna, Padre Manoel J. de Souza Teixeira, parochó de Dornellas, Amares, e Padre Antonio Martins Palhares, parochó, de Villa Mou. de Vianna.

«É em nome de todos estes ecclesiasticos que hoje fazemos um appello aos estimaveis assignantes e leitores clerigos, a fim de que se dignem assistir aos santos exercicios do Clero, dados em Braga, na rua de S. Barnabé, 16.»

9—2—91.

Um padre exercitante d'este anno.

Italia.—As transacções commerciaes resentem-se notavelmente das más condições do governo. Desde 1 de fevereiro a 15 de março, houve 373 protestos de letras de cambio e abriram-se 19 fallencias. Dia a dia sobe o numero e a audacia dos operarios sem trabalho, que desde o ultimo *meeting* no Montecitorio se reúnem amiudadamente nos bairros exteriores manifestando vontade de fazerem rebentar a erupção no centro da cidade. Batem em grupos ás portas dos patricios reclamando soccorros com vozes insolentes.

Observatorio do Vaticano.—Com data de 14 de março emittiu o Santo Padre um documento precioso, relativo ao notavel observatorio do Vaticano. Referindo-se de leve ao muito que a Egreja, em todos os seculos, ha feito em

beneficio das sciencias, narra quanto impulso o observatorio ha recebido em seu pontificado, actualmente derigido por um frade, o rev. Francisco Donza, da Ordem dos Barnabitas, e prosegue dizendo:

«E como desejamos que a obra do restabelecimento d'este observatorio não pereça em breve, mas perdure pelo tempo adiante, demos-lhe um estatuto com o regulamento que nos praz seja respeitado nos diversos serviços e empregos que alli forem desempenhados. Instituímos além d'isso uma associação de homens escolhidos, incumbida de quanto se relacione com sua administração, munida de toda a auctoridade para regular a organização interior.»

O Sancto Padre outhorja áquelle celebre estabelecimento a quantia necessaria para mediante o respectivo rendimento prover ás despesas indispensaveis em instituições de tal ordem. «No emtanto, diz S. Sanctidade, para seu futuro e sua prosperidade, fiamos hem mais dos favores e auxilios de Deus Omnipotente que das precauções humanas, porque n'esta empreza tivemos em vista não só os progressos d'uma nobre sciencia que, mais que outro qualquer estudo humano, eleva o espirito dos homens á contemplação das cousas celestes; mas o em que mais nos empenhamos de harmonia com Nosso proceder por todo o Nosso pontificado, é mostrar a todos, sempre que se offereça occasião, por Nossos discursos, Nossos escriptos e Nossos actos, que a Egreja e seus pastores, longe de hostilizar a verdadeira e solida sciencia, tanto das cousas humanas como das divinas, favorecem-na, protejem-na e activam seus progressos com quantas forças podem.

Heroismo inglez.—A Inglaterra caiu actualmente no vergonhoso escandalo de patentear a sua fraqueza. Nas questões com Portugal, tem-se mostrado com o cynismo revoltante que todos sabem. Vendo-se porém embaraçada com a França por causa das pescarias da Terra Nova e com os Estados Unidos por demorada pendencia em virtude da pesca das phocas no mar de Behring, é a mesma Inglaterra, o mesmo Salisbury quem recorre á arbitragem!

Abril—14.

F.

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou melo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO—NEGRELLOS.

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 52—GUIMARÃES.